

## **CAPÍTULO 3 - POETA, “TEU NOME UM DIA VIVERÁ NA HISTÓRIA”: A POESIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

---

**Fabio Francisco Castro Silva**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6053821632860800>

OrcID: <https://orcid.org/0009-0002-9858-3082>

E-mail: [fabiocastro SILVA2.0@gmail.com](mailto:fabiocastro SILVA2.0@gmail.com)

**Rute Maria Chaves Pires**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6271289340031747>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-0432-7134>

E-mail: [rutepires@uemasul.edu.br](mailto:rutepires@uemasul.edu.br)

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise literária do poema O meu desejo, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. O poema, presente no livro **Cantos à beira-mar** (1871), discursa a respeito do poeta e seu canto, que aborda diferentes temáticas. Este trabalho fez uso da pesquisa bibliográfica, embasando-se em autores como Bosi (2000), Paz (2012), Nascimento (2022), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-Brasileira; Maria Firmina Dos Reis; Poesia.

*POET, “YOUR NAME WILL ONE DAY LIVE IN HISTORY”: THE POETRY OF MARIA FIRMINA DOS REIS*

**ABSTRACT:** This article presents a literary analysis of the poem O meu desejo by the writer from Maranhão Maria Firmina dos Reis.

The poem, found in the book **Cantos à beira-mar** (1871), discusses the poet and their song, addressing various themes. This work employed bibliographic research, drawing on authors such as Bosi (2000), Paz (2012), Nascimento (2022), among others.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature; Maria Firmina Dos Reis; Poetry.

## INTRODUÇÃO

Escritora, poeta, professora, jornalista, compositora, entre outras facetas, Maria Firmina dos Reis (1822-1917) é o nome da autora maranhense que vem sendo (re)descoberta nas últimas décadas. Considerada a primeira romancista negra brasileira, desde o final do século XX, ela tem sido (re)conhecida não somente por sua produção literária, que trouxe elementos percussores para a literatura brasileira, mas também por sua consciência política, enquanto uma mulher negra na sociedade brasileira do século XIX.

Dona de uma produção literária diversificada, Firmina produziu contos, poemas, crônicas, canções, além de deleitar-se sobre as temáticas e características do período romântico brasileiro. A diversidade da obra de Maria Firmina pode ser amplamente visualizada em seu livro de poesias **Cantos à beira-mar** (1871). O poema *O meu desejo*, por exemplo, dialoga com essa diversidade temática, ao passo que o poeta fala sobre amor, saudade, família e outros temas, sendo a liberdade a chave fundamental para o caráter diverso na produção poética.

Nesse sentido, esta pesquisa tomou como aporte teórico os estudos sobre literatura dos autores Alfredo Bosi (2000), Antonio Candido (2011) e Octavio Paz (2012), bem como considerações de Juliano Carrupt Nascimento (2022),

estudioso da obra da escritora.

Buscou-se compreender como o discurso do fazer poético, na poesia *O meu desejo*, contribui para o reconhecimento da importância da autonomia poética e de que maneira o poema dialoga com as possibilidades temáticas do canto poético de Maria Firmina dos Reis. Estudos como estes se fazem necessários para a construção de uma nova compreensão sobre a variedade que se pode encontrar na obra literária de Maria Firmina, para que se tenha maior visibilidade e valorização de sua produção.

### **“EIA, CANTOR, DESFERE UM CANTO DE INFINITO AMOR”: A MANIFESTAÇÃO POÉTICA**

A poesia é uma das manifestações mais antigas da história da arte literária, podendo ser contemplada antes mesmo da invenção da escrita. O caráter mutacional e variado dessa manifestação permite que ela resista ao longo dos anos, de diferentes maneiras. Hoje, entendida como uma das formas mais genuínas da expressão humana, a poesia é capaz de reunir uma grande variação de elementos em sua composição, além de se fazer presente nos mais alternativos âmbitos da existência. De fato, esse aspecto múltiplo da poesia torna complexa e variada definição sobre o que seria a poesia, que varia conforme a abordagem feita.

O crítico literário Antônio Candido compreende a literatura como um constituinte essencial da vivência humana, em seu texto *O direito à literatura* (2011). Considerando a poesia como parte integrante da literatura, o autor defende a impossibilidade da falta de vínculo humano com esse universo, pois sempre haverá o contato com “alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 174). Candido aponta que até

mesmo os sonhos proporcionam o constante contato do ser humano com essa manifestação, mesmo que de maneira inconsciente (Candido, 2004).

O autor Alfredo Bosi, por sua vez, conceitua a poesia como uma linguagem em que *sentimento* e *imagem* se entrelaçam, dando luz à uma subjetividade imersa em seu próprio tempo (Bosi, 2000). Nesse sentido, a linguagem poética se mostra como uma complexa construção que dispõe de fatores antagônicos à objetividade e seu tempo.

No texto *Poesia e historicidade* (2000), o estudioso ainda afirma que a poesia não deve ser percebida por apenas uma de suas partes, mas por seu todo: “Pois o que é um som, vogal ou consoante, desgarrado do signo que é a palavra-feixe de conotações?” (Bosi, 2000, p. 10). Assim, por mais diversos que sejam, é a integração dos elementos de uma poesia que a faz ser o que é.

Nessa mesma compreensão de poesia enquanto uma linguagem diversa, o crítico literário, poeta e ensaísta Octavio Paz apresenta, inicialmente, na obra **O arco e a Lira**, a poesia como “[...] conhecimento, salvação, poder, abandono” (Paz, 2012, p. 21). Em suas palavras introdutórias, o autor já destaca a essência ampla e subjetiva da poesia, que ao mesmo tempo em que *revela este mundo*, também *cria outro*.

A constante presença dessa que é *Filha do acaso*, conforme nomenclatura de Paz (2012, p. 74), naturaliza-a e a torna um ser inerente à sociedade: “A poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia”. Paz (2012, p. 199) afirma também que a característica mutacional e multimodal da poesia a faz semelhante àquilo que transcende ao âmbito objetivo e racional, argumentando, ainda, que ela “[...] é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso faz fronteira com a

magia, a religião [...]”.

Sob essa ótica, afirma-se que a poesia viabiliza um escape para outro campo que também é natural do ser, mas tende a estar invisibilizado pelo próprio ser, pois ela está ligada diretamente ao sentir, ao olhar do indivíduo e à visão para além do olhar corriqueiro do cotidiano. Ela não se limita a uma forma poética, pois está nas coisas do mundo, as quais, quando representadas por outra ótica, ensinam-nos a ver melhor o que fica escondido na dinâmica do dia a dia.

Dentre as múltiplas formas de expressão da poesia está o poema. O poema é uma obra, uma criação artística, a *poesia erguida*, ainda que sejam comumente tomados como sinônimos. Paz (2012, p. 22), diferenciando ambos, afirma que “o poema não é uma forma literária, mas o ponto de encontro entre a poesia e o homem”. Nessa perspectiva, ainda que haja tipos e formas, a exemplo do soneto, o poema excede a linguagem, ao passo que é alcançado pela poesia, esta que é transformada por um *fio condutor*, o poeta, em unidades poéticas no poema. Assim, o poema não se restringe a ser uma obra corretamente versificada (Paz, 2012).

Portanto, pode-se inferir que a poesia se mostra como uma manifestação onipresente e primordial à vivência humana. O caráter heterogêneo da poesia permite que ela não se detenha a uma única forma, a exemplo do poema, que, apesar de posto como um homólogo à poesia, possui uma relação de interdependência para com ela. Desse modo, há poesia sem poemas e poemas sem poesia.

### **“SEU NOME AFINA AS CORDAS DE MINHA HARPA”: MARIA FIRMINA DOS REIS E SEUS CANTOS À BEIRA-MAR**

Considerada a primeira romancista negra brasileira,

Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi professora, escritora, jornalista, poeta e compositora. A autora se destaca não só pelo seu pioneirismo em diversos âmbitos, mas pela sua evidente consciência enquanto mulher e negra, na sociedade brasileira do século XIX, afinal, Maria Firmina foi responsável pela primeira escola de gênero misto no Maranhão.

Enquanto poeta, Firmina publicava diversos poemas nos jornais em que trabalhava e, em 1871, publica seu segundo livro, **Cantos à beira-mar**. A obra é composta por cinquenta e seis poemas que a autora dedica à memória de sua mãe, em uma profunda e lírica dedicatória que transborda em ternura, admiração e amor filial. Na obra, é possível contemplar os diversos temas que se fazem presentes na tessitura do Romantismo brasileiro, como a natureza, a fé, o amor, a amizade, o patriotismo ufanista e outros.

Entretanto, Maria Firmina imprime um novo olhar para o ser feminino na poesia brasileira, já que em seus poemas “[...] a mulher sente, sonha, pensa, reflete, cogita, questiona, ousa, se expõe [...]” (Nascimento, 2022, p. 164). Assim, distanciam-se do papel estático, doméstico e de musa que o ser feminino representava na poesia.

Enquanto na poesia de seus contemporâneos a mulher é a musa inspiradora para o eu lírico masculino, na poesia de Firmina, o ser feminino é quem deseja e não somente é desejada é a mulher que sente e tem consciência desse sentir. Assim, a produção poética da autora também se mostra de grande valor para a literatura brasileira.

### ***O MEU DESEJO: UM CANTO À LIBERDADE POÉTICA***

O poema *O meu desejo* faz parte da obra **Cantos à beira-**

**ra-mar**, de Maria Firmina dos Reis, livro que contém uma grande diversidade poética. Ele é constituído por 9 estrofes, apresentando rimas interpoladas e emparelhadas, com versos livres. O texto é marcado pela metalinguagem, em que a própria poesia discursa a respeito do fazer poético.

O título *O meu desejo* logo evidencia um eu lírico com um anseio. Sabendo que a palavra *desejo* significa uma vontade, o emprego do artigo *O* sugere uma grande importância a esse desejo, pois, aparentemente, não é um simples querer, mas, sim, um desejo específico, que tem sua grandiosidade e relevância destacada pela utilização desse artigo definido. Ao longo do poema, é possível compreender que o desejo do eu lírico está relacionado ao canto do poeta, a quem ele se direciona no texto.

Na primeira estrofe, o eu lírico ilustra o que seria um possível momento oportuno para a produção poética, pois, quando tomado por um sentimento de saudade, o poeta recebe um instrumento enviado por Deus, que o faz tornar-se um cantor. Logo no segundo verso, pode-se observar a primeira relação do poeta com a música.

Assim como um alaúde, instrumento encaminhado por Deus ao poeta, a alma do poeta possui cordas, que podem ser a fonte de seu canto. Assim, a sensível corda da saudade suscita a produção do poeta. Seu canto é sua própria produção poética que, aliada ao instrumento, possibilita ao poeta cantar sobre o amor, ainda que na angústia da solidão, fixando o sentimento de saudade.

Os versos que remetem a Deus, como *Escuta a voz do céu*, demonstram a presença desse ser divino na produção poética, iluminando o aspecto religioso, uma das grandes temáticas presentes na obra de Maria Firmina. Essa inserção de elementos religiosos é uma das características “que

afloram tantas vezes na poesia romântica” (Bosi, 2017, p. 95), poesia da qual a obra de Firmina faz parte. Enquanto, no poema *O meu desejo*, Deus é entendido como parte da produção poética, no poema *Te-Deum*, igualmente presente no livro **Cantos à beira-mar** (1871), esse ser divino é tido também como princípio de tudo.

Na segunda estrofe, o eu lírico pede ao poeta para que cante sobre o amor familiar. O seio familiar é o lugar em que um indivíduo tem suas primeiras referências sobre o que seria amor. Começa pelo amor de mãe quem, como o eu lírico afirma, idolatra e tanto adora o filho, perpassando pelo amor “das gentis irmãs”, um amor que pode ensinar sobre amizade e companheirismo, e, por fim, o amor de um pai.

É relevante destacar que o eu lírico opta por iniciar falando sobre o amor da mãe e das irmãs. Considerando que, historicamente, o patriarcado sempre colocou a imagem do homem em primeiro lugar, o eu lírico apresenta uma quebra com esse sistema, ao pôr o ser feminino no início. Ao fim, como maneira de gratidão, o eu poético sugere que o poeta ofereça seu alaúde, o que, simbolicamente, parece representar o seu fazer poético.

A liberdade é uma das temáticas presentes no decorrer do poema. Ela é um elemento que permite a possibilidade de o poeta cantar sobre os mais diferentes temas da existência. O eu lírico cita-a na terceira estrofe, ao dizer: “E a liberdade, oh! poeta, canta / Que fora o mundo a continuar nas trevas? / Sem ela as letras não teriam vida / Menos seriam que no chão as relvas;” (Reis, 2017 [1871], p. 42). Com essas palavras, o eu lírico possibilita a realização de uma relevante reflexão: a importância da liberdade na produção poética.

A partir desse trecho, é possível compreender que a liberdade concede uma força vital para a vida literária. O eu

lírico aponta a liberdade como um elemento de combate às trevas no mundo. Sabendo que a produção literária contribui para a expressão e a manifestação dos sentimentos humanos, ela possibilita aos indivíduos um acalento diante de situações desafiadoras da vida.

Um poeta, bem como qualquer autor, deve ser livre para escrever, falar e compor sobre aquilo que deseja. Como sugere o poema, sem a liberdade, as letras não teriam vida, já que a ausência dela pressupõe uma escrita orientada, baseada em formas e estruturas, promovendo uma limitação da criatividade do autor e comprometendo a expressão de sua arte.

Ainda na terceira estrofe, os versos “Toma por timbre liberdade, e glória, / Teu nome um dia viverá na história.” (Reis, 2017 [1871], p. 42) sugerem um querer de que o poeta creia no valor daquilo que faz. Esses versos podem representar um brado da esperança do eu lírico de que um dia o poeta e sua produção tenham glória e se tornem eternos pela história.

Na quarta estrofe, é abordado o amor entre amantes. Nela, o eu lírico sugere que o poeta cante sobre o sentimento de “saudade infinda” de uma mulher que está distante de seu amado. Ao pedir que o poeta afine suas cordas com “gentis primores”, o eu lírico indica que o poeta preencha seu canto, ou seja, sua produção, com delicadas palavras para o consolo à saudosa amante. Esses versos iluminam o sofrimento amoroso, tema bastante presente na poesia romântica.

O canto do poeta, como um conforto para a amante, pode dialogar, diretamente, com os versos iniciais da estrofe seguinte: “Canta do exílio com melíflu acento / Como David a recordar saudade;” (Reis, 2017 [1871], p. 42). O nome David é uma variação de Davi, nome de um dos mais conheci-

dos reis da Bíblia.

Quando jovem, Davi, que além de pastor de ovelhas, também era músico, foi enviado ao rei Saul, que se encontrava atormentado por espírito maligno. Com seu toque harpa, Davi trouxe alívio ao rei e o mau espírito se retirou. Desse modo, assim como o tocar de harpa de Davi serviu para tranquilizar Saul, a produção do poeta afasta da amante o mau espírito da saudade.

No último verso da quarta estrofe, é possível identificar a presença de uma sinestesia, um recurso estilístico que relaciona diferentes elementos sensoriais. O eu lírico pede que o canto do poeta exale um aroma, que se entende como agradável, o que estabelece uma ambientação de afago e calmaria para a chorosa amante. Dessa maneira, há uma relação entre os sentidos audição e olfato. O uso da sinestesia evidencia que a poesia de Maria Firmina, além de dialogar com aspectos do Romantismo, debruça-se em elementos que, mais tarde, serão aprofundados pelo Simbolismo.

A quinta estrofe ilustra sobre o poder do poeta em manter sua produção carregada de ternura, ainda que em um momento doloroso. O eu lírico sugere que, mesmo ao cantar sob exílio, o poeta permanece com seu cantar doce como mel. O canto em exílio proporciona uma relação com um dos poemas de maior destaque no Romantismo brasileiro, *Canção do Exílio*, do poeta Gonçalves Dias, em que o eu poético demonstra o sentimento saudoso de sua terra natal, exaltando as características naturais de seu lar.

Ainda na quinta estrofe, “Embora ao riso se misture o pranto; / Embora gemas em cruel soidade...” (Reis, 2017 [1871], p. 43), não obstante estar sofrendo pelo doloroso sentimento da saudade, o poeta encontra, em seu cantar, um alívio para o sofrer. Nos versos finais dessa estrofe, o eu lírico

reafirma a esperança do reconhecimento do canto do poeta: “Canta, poeta, teu cantar assim, / Há de ser belo enlevador enfim” (Reis, 2017 [1871], p. 43).

A sexta e sétima estrofes são tomadas por um forte tom religioso. Para o eu lírico, as grandezas, como o sol, a lua, a natureza, a primavera, as flores, encerram-se em Deus, simbolicamente, como criador dos céus, da terra e tudo que há ele é o começo, meio e fim de tudo, a maior das grandezas. Nessa perspectiva, ao cantar sobre as grandiosidades, o poeta pode engrandecer ainda mais a sua produção.

O eu lírico também relaciona o poeta e o ser feminino a anjos. Enquanto o cantar do poeta soa como risos angelicais, a mulher é semelhante a arcanjos, anjos de mais alta ordem na hierarquia celeste, conhecidos também como mensageiros.

Na oitava estrofe, a liberdade é retomada como temática principal para o canto do poeta. O eu lírico possui uma forte crença no poder da liberdade, de maneira que ela seja análoga a um anjo celestial que, enviado dos céus, é capaz de afastar as trevas deste “mundo ingrato”. O termo *ingrato* pode se referir à falta de valorização do poeta e seu canto. Novamente, assim como na terceira estrofe do poema, o eu lírico afirma que, tomando por timbre a liberdade, ou seja, a liberdade como uma marca de seu canto, o poeta se tornará eterno, vivendo na história.

Por fim, na última estrofe, o eu lírico afirma que sua mensagem ao poeta não se trata de uma ordem, mas um pedido, evidenciando seu desejo e sua convicção na essencialidade da liberdade para o canto do poeta. Nem mesmo o eu lírico é capaz de exercer algum tipo de autoridade sobre a produção do poeta.

O verso “Ver-te Camões, Dante ou Milton” (Reis, 2017

[1871], p. 43) faz alusão aos grandes nomes da poesia portuguesa, italiana e inglesa, respectivamente. Camões, Dante e Milton foram poetas que tiveram suas obras marcadas pela poesia épica, produção que apresenta narrativas em celebração a feitos heroicos. Essa relação pode sugerir o anseio do eu lírico de que o poeta e seu canto sejam grandes, admirados, notáveis e reconhecidos o desejo de “Ver-te poeta” ainda em vida, ver seu canto ecoar e ser eternizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve como principal objetivo refletir sobre a produção poética de Maria Firmina dos Reis. Firmina foi uma mulher que muito produziu em vida. Renomada por seu pioneirismo em muitas áreas de sua trajetória, a escritora não se restringiu a uma única forma ou maneira de produzir.

Assim como o canto do poeta em *O meu desejo*, a produção de Maria Firmina dos Reis possui uma notória pluralidade temática. O discurso presente no poema aponta a importância e necessidade da autonomia poética. O eu lírico evidencia, em suas palavras, a quão heterogênea pode ser a produção literária de um poeta ou autor.

A produção poética de Maria Firmina mostra uma notável força literária do Romantismo brasileiro, ao passo que mergulha nas mais expressivas características dessa escrita, mas também inova e traz a lume elementos, até então, à margem da produção poética.

## REFERÊNCIAS

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed.

São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, A. O direito à literatura. CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 169-191.

NASCIMENTO, J. C. O livro de poemas de Maria Firmina dos Reis: tensões culturais da mulher e passeios pelo mar. *In*: FAEDRICH, A.; ZIN, R. B. (org.). **A mente ninguém pode escravizar**: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda, 2022. p. 163-194.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Trad. A. Roitman; P. Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

REIS, M. F. **Cantos à beira-mar e Gupeva**. São Luís: Academia Ludovicense Letras, 2017.

